Florestan Fernandes: 'educador-intelectual' orgânico aos 'de baixo'. Uma abordagem Gramsciana

Carlos Eduardo Rebuá Oliveira*

É falsa a ideia de que a história se faz, que ela se determina automaticamente. A história é feita coletivamente pelos homens e, sob o capitalismo, através de conflitos de classe de alcance local, regional, nacional e mundial.

Florestan Fernandes

Resumo: No presente artigo abordaremos a questão dos intelectuais, a relação hegemonia/educação e, por fim, o caráter contra-hegemônico da obra e da militância de Florestan Fernandes. Para isso, utilizamos como referencial teórico os escritos do comunista sardo Antonio Gramsci (1891-1937), que ampliou/renovou conceitos basilares do marxismo, a despeito das condições materiais impostas pela ditadura fascista de Mussolini. Gramsci ampliou não apenas os conceitos de Estado, partido e sociedade civil, mas também o de intelectual. Foi a discussão acerca dos intelectuais que conferiu à sua obra um profundo caráter de originalidade. De acordo com ele, não existe uma classe "independente" de intelectuais. Cada modo de produção possui uma classe fundamental, que por sua vez possui sua própria camada de intelectuais ou tende a construí-la. Segundo Gramsci, os intelectuais são, ao mesmo tempo, dirigentes, sábios, organizadores e educadores.
Palavras-Chave: *Florestan, Intelectual, Educação.*

* Doutorando em Educação pelo programa de Pós-Graduação em Educação da UFF (PPGE/UFF). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: rebua7@gmail.com.

Abstract: In this article we will discuss the issue of intellectuals, the relationship hegemony/education and, ultimately, the counter-hegemonic character of Florestan Fernandes's work and political militancy. For this, we use as theoretical reference the writings of the sardinian, communist Antonio Gramsci (1891-1937), who extended / renewed basic concepts of Marxism, despite the material conditions imposed by the fascist dictatorship of Mussolini. Gramsci expanded not only the concepts of State, party and civil society, but also the notion of intellectual. It was his discussion about the intellectuals that gave to his work a deep character of originality. According to him, there is not an "independent" social class, separated from intellectuals. Each mode of production owns a main class, which in turn has its own group of intellectuals or tends to build it. For Gramsci, intellectuals are, at the same time, leaders, scholars, educators and organizers.
Keywords: *Florestan, Intellectual, Education.*

Antonio Gramsci se notabilizou por considerar que todos os homens são intelectuais (ou filósofos), uma vez que todos os indivíduos pensam o mundo, refletem sobre si e sobre o que os cercam. Desta forma, não existem não-intelectuais para ele, mas tipos distintos. Todavia, se todos os homens são intelectuais, nem todos desempenham tal papel na sociedade (GRAMSCI, 2000, p. 18).

Em Gramsci, os intelectuais não são as classes propriamente, mas grupos que se vinculam às distintas classes e que representam a hegemonia, orquestrando o consenso, soldando estrutura e superestrutura, elaborando a ideologia dos grupos ao qual se vinculam e a transformando em "concepção de mundo", à qual todo corpo social adere. Desta forma, os intelectuais são fundamentais para a hegemonia de uma classe. Os intelectuais são agentes da sociedade política e da sociedade civil. Na primeira, gerem o Estado e a força armada; na última, estimulam e desenvolvem as ideologias das classes ao qual estão ligados, nos aparelhos privados de hegemonia: Igreja, escolas, partidos, meios de comunicação, etc.

O revolucionário sardo entende a sociedade valendo-se de um esquema triádico, formado por economia – sociedade civil – Estado (sociedade política), com a economia correspondendo à estrutura e o par sociedade civil/sociedade política (GRAMSCI, 2000, p. 20-21) representando dois grandes planos superestruturais. O sardo amplia a teoria leninista do Estado, defendendo que a hegemonia não se reduz à força econômica e militar, mas resulta de uma batalha constante pela conquista do consenso no conjunto da sociedade – grupos subalternos e potenciais aliados (GRAMSCI, 2002a, p. 95). Para ele, a hegemonia corresponde à liderança cultural e ideológica de uma classe sobre as demais, pressupondo a capacidade de um bloco histórico (aliança de classes e frações de classes, duradoura e ampla) dirigir moral e culturalmente, de forma sustentada, toda a sociedade (MORAES, 2009, p. 35). Portanto, é impossível pensar a hegemonia sem pensar na luta de classes.

De acordo com Gramsci, o Estado não se resume à sociedade política (aparato político-jurídico – o espaço da coerção) apenas, mas compreende também, numa perspectiva de "Estado ampliado" (que se contrapõe à visão de Marx e Engels, que entendiam o Estado como "restrito") e numa concepção dialética da realidade histórico-social, a sociedade civil (lugar dos aparelhos privados de hegemonia, como a Igreja, a escola e a mídia – o espaço da hegemonia, do consenso). Para Gramsci, a sociedade civil é a arena privilegiada da luta de classes (GRAMSCI, 1991, p. 22), o terreno sobre o qual se dá a luta pelo poder ideológico (consenso); é o componente essencial da hegemonia.

Os intelectuais em Gramsci

O comunista sardo dividiu os intelectuais em dois tipos: orgânicos e tradicionais. Enquanto aqueles seriam o grupo social que surge em estreita ligação com o aparecimento/desenvolvimento de uma classe determinante no modo de produção econômico, estes seriam um grupo que no passado já fora uma categoria de intelectuais orgânicos de uma determinada classe e que hoje formam uma camada com independência e autonomia relativas.

> *Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político (GRAMSCI, 1989, p. 3-4).*

Os dois tipos de intelectuais têm como função conferir homogeneidade à consciência da classe à qual se vinculam, organicamente (no caso dos intelectuais orgânicos) ou por adesão (no caso dos intelectuais tradicionais). Com isso, frisa Coutinho (2007, p. 175-176), estes intelectuais "*preparam a hegemonia dessa classe sobre o conjunto dos seus aliados*", sendo agentes da consolidação de um bloco histórico. Gramsci definia o intelectual orgânico como um híbrido de especialista (na sua área) e político, como *educador* e ao mesmo tempo dirigente (JESUS, 1989, p. 72, grifo nosso). Assim como são importantes para a hegemonia de uma classe, os intelectuais orgânicos também o são para a contra-hegemonia, desenvolvendo a consciência de classe, forjando uma nova cultura através de sua direção. Enquanto os intelectuais orgânicos da classe dominante garantem a hegemonia, tentam preservá-la, sendo responsáveis pelo consentimento e pela adesão, os da classe subalterna tentam limitar o poder de coesão dos primeiros, aprofundar as crises, provocar contradições, organizar sua classe.

De acordo com Semeraro (2006, p. 134), ser orgânico é fazer parte de um organismo vivo e em expansão. Em relação aos intelectuais orgânicos – que atuam tanto no partido quanto na escola, por exemplo – ocorre, segundo ele, uma interpenetração entre conhecimento científico, filosofia e ação política, sendo o intelectual orgânico um construtor, organizador e *educador* contínuo, no processo de construção/manutenção da hegemonia da classe à qual se vincula. São orgânicos os intelectuais que

> *(...) além de especialistas na sua profissão, que os vincula profundamente ao modo de produção do seu tempo, elaboram uma concepção ético-política que os habilita a exercer funções culturais,* educativas *e organizativas para assegurar a hegemonia social e o domínio estatal da classe que representam.* Conscientes de seus vínculos de classe, *manifestam sua atividade intelectual de diversas formas: no trabalho, como técnicos e especialistas dos conhecimentos mais avançados;* no interior da sociedade civil, para construir o consenso *e*m torno do projeto da classe que defendem*; na sociedade política, para garantir as funções jurídico-administrativas e a manutenção do poder do seu grupo social (SEMERARO, 2006, p. 135, grifos nossos).*

Gramsci compreendia os intelectuais tradicionais como aqueles que são tradicionais em relação a um novo bloco histórico, a uma nova classe dominante, ao qual não estão organicamente ligados. Estes intelectuais preexistem a esta nova classe e ao novo modo de produção. Em síntese, os intelectuais tradicionais são aqueles ligados organicamente a classes desaparecidas ou em vias de desaparecer.

A discussão acerca dos intelectuais em Gramsci é bastante complexa e a escrita labiríntica dos *Cadernos* aumenta o grau de dificuldade. É importante frisar que para Gramsci, os dois tipos de intelectuais não são modelos fechados, tampouco posições fixas, isto é, a divisão orgânicos/tradicionais é móvel, relacional, uma vez que um intelectual tradicional hoje pode vir a se tornar orgânico amanhã, da mesma forma um intelectual orgânico a uma classe que perdeu a hegemonia, pode se tornar tradicional em relação à nova classe hegemônica (JESUS, 1989, p. 69).

Ambos os intelectuais, orgânicos e/ou tradicionais, exercem uma atividade que é coletiva, e não individual. "*Hoje, são os intelectuais como massa e não como indivíduo, que nos interessam*" (GRAMSCI, 1978, p. 158). Esta atividade intelectual, independente dos meios utilizados para se conquistar a hegemonia, é responsável por uma *ação pedagógica,* um trabalho educativo, fundamental tanto para se manter o *status quo*,

para reforçar o domínio (grupos dominantes), quanto para construir outra hegemonia, para elaborar uma consciência coletiva homogênea (grupos subalternos).

Em Gramsci, hegemonia e educação mantêm entre si uma relação dialética. Para o pensador sardo, toda relação pedagógica é hegemônica, assim como qualquer relação hegemônica é necessariamente pedagógica (JESUS, 1989, p. 122-123). Sobre a primeira afirmativa (as relações pedagógicas como hegemônicas), Jesus (1989, p. 19) diz que a educação representa um processo para a concretização de uma *concepção de mundo*, cuja importância é fundamental tanto na manutenção de uma hegemonia, quanto na sua renovação (contra-hegemonia). A educação pode "funcionar" tanto como instrumento de dissimulação a serviço das classes dominantes, como também pode explicitar para os dominados as contradições existentes, permitindo-lhes reagir a todas elas e tentar a contra-hegemonia. Em relação à segunda afirmativa (as relações hegemônicas como pedagógicas), Jesus pontua que "*tanto a hegemonia como a contra-hegemonia exigem um desempenho pedagógico mantenedor-reformador da relação total de poder, de acordo com a situação histórica*" (1989, p. 60). Para ele, a natureza pedagógica das relações hegemônicas se confirma teoricamente pelo próprio significado de hegemonia desenvolvido por Gramsci: direção intelectual/moral e dominação, exercida por uma classe sobre as demais, através da sociedade política e da sociedade civil, dialeticamente ligadas. Na prática, esta natureza pedagógica também é confirmada, uma vez que somente uma *ação pedagógica* é capaz de forjar uma nova cultura sintonizada com os objetivos da nova classe hegemônica, e é capaz de "transformar" *concepções de mundo* norteadas pela superstição e pelo folclore, em concepções de mundo histórico-críticas (JESUS, 1989, p. 72).

Florestan: o "educador-intelectual" orgânico aos "de baixo"

Sou, pois, um não-especialista longamente
engolfado nas lutas pedagógicas.
(FERNANDES, 1989, p. 7)

Apesar de não se reivindicar como um autor gramsciano, Florestan Fernandes (1920-1995) representa um dos maiores pensadores marxistas latino-americanos, tendo deixado uma vasta obra que vai da Antropologia à Educação, da Ciência Política à Sociologia. Nossa escolha por Florestan se deve justamente à sua filiação ideológica ao marxismo e à robustez de suas análises sobre a estrutura da sociedade brasileira e latino-americana.

A partir da leitura de Cardoso (2005), Ianni (2008) e, obviamente, do próprio Florestan, nas distintas obras analisadas (vide Referências), é possível identificar a amplitude de seu pensamento, que se preocupou, dentre outros assuntos, com o capitalismo dependente, com a formação étnico-cultural do povo brasileiro, com a emancipação dos trabalhadores e com a educação pública no Brasil. No texto de Cardoso (2005), fica clara a preocupação do professor marxista com a dialética "interno-externo", não na perspectiva desenvolvimentista – preocupada excessivamente com o Estado-nação –, mas sim sob a perspectiva das classes sociais e partindo da ideia de que o capitalismo é um modo de produção que se expande de maneira desigual e combinada. Sobre o capitalismo dependente em Florestan, afirma Cardoso (2005, p. 10) de forma bastante didática: "*A importante descoberta que Florestan faz é a de que a particularidade Brasil pertence à generalidade capitalismo, por meio da especificidade capitalismo dependente*". Para a autora, Florestan analisa o capitalismo dependente como uma modalidade, uma *variante* (Cardoso, 2005, p. 16) do capitalismo e inclui em sua análise as classes sociais – o que para Cardoso representa um grande "salto qualitativo" de sua abordagem. Pensando as classes como as forças que dinamizam

a formação e a expansão do capitalismo, Florestan pauta sua análise naqueles que são a força motriz do desenvolvimento histórico – homens e mulheres – confirmando a matriz marxiana de seu pensamento.

Florestan se preocupou profundamente com a dialética interno-externo, mas, sobretudo, com a crítica – construída também por Chico de Oliveira (2003) – ao dualismo/dualidade, compreendendo dialeticamente o real e com precisão a complexidade da/na tessitura deste real, que é sempre um devir. O "diálogo" entre dominação "de fora" e "de dentro" está presente marcadamente em seu pensamento, em sua análise do capitalismo dependente como destaca Cardoso (2005, p. 18), sobretudo quando diz que para ele, são dois os aspectos fundamentais para a manutenção/aprofundamento desta variante do capitalismo: a burguesia local, dependente e subdesenvolvida (sócia menor, mas imprescindível do núcleo hegemônico do capital), e o aprofundamento da espoliação, mediante o par sobre-exploração/sobre-expropriação.

> *(...) o grau de diferenciação e de integração do capitalismo, nas chamadas sociedades subdesenvolvidas, constitui uma função das relações de mercado ao nível mundial. Desse ângulo, o subdesenvolvimento explica-se, objetivamente, pelas condições de dependência ou de heteronomia econômica (FERNANDES, 1968, p. 58).*

O marxista paulista não apenas enfatizou ao longo de sua vida a importância da organização dos trabalhadores, do enfrentamento de classe, como também soube valorizar a importância de diferentes intelectuais brasileiros, vinculados aos mais distintos espectros políticos, nas trincheiras por uma educação pública e democrática no país. Não esquecendo nunca sua vinculação ao marxismo e sua carreira como professor, é fundamental lembrar a importância crucial de Florestan na campanha em defesa da escola pública – de fins dos anos 1950 – e sua crítica mordaz ao ensino privado e à Igreja. Antônio Candido (1987, p. 23) nos ajuda a compreender os "diferentes"

"Florestans", dizendo que o dos anos 1940 é o da construção do saber; o dos anos 1950 é o da formação já consolidada e do movimento para a ação; e finalmente, o terceiro é o Florestan da práxis militante, socialista, da ação mobilizadora *pari passu* com a escrita de uma obra que é patrimônio dos trabalhadores, dos estudantes, daqueles que pensam em um outro Brasil, onde a Educação não é comodificada, transformada em mercadoria (commodity), onde o saber se coaduna com liberdade e não com metas.

> *[não se trata...] apenas de defender a 'liberdade e a democracia'. Porém, de pôr em evidência que a sociedade de classes engendrada pelo capitalismo na periferia é incompatível com a universalidade dos direitos humanos: ela desemboca em uma* democracia restrita *e em um Estado autocrático-burguês, pelos quais a transformação capitalista se completa apenas em benefício de uma reduzida minoria privilegiada e dos interesses estrangeiros com os quais ela se articula institucionalmente (FERNANDES, 1980, p. 77).*

Em nossas considerações anteriores, fizemos questão de destacar os termos educador/educadores, em passagens nossas ou de algum autor. Salientamos estes termos, uma vez que nos parece fundamental – assim como fizemos anteriormente – destacar que na concepção gramsciana de intelectual, existe uma dimensão educadora, no campo do consenso, do convencimento, que é fundamental e imprescindível para toda e qualquer hegemonia.

Indo direto ao ponto, para nós não há dúvidas de que Florestan representa uma dos intelectuais orgânicos mais importantes que o pensamento de esquerda, crítico, produziu na América Latina. Sua história pessoal (profundamente marcada pela origem proletária), militância, obra e, sobretudo, seu papel de educador confirmam isso. Em nossa concepção, Florestan assumiu a função de um educador-intelectual – na medida em que atuou como professor e militante (compreendendo a militância também como espaço de saber) por

muitos anos[1] – orgânico aos subalternos (de "onde veio"), como diria Gramsci, ou aos "de baixo", como diria o próprio "Vicente"[2].

> *Eu nunca teria sido o sociólogo em que me converti sem o meu passado e sem a socialização pré e extra-escolar que recebi através das duras lições da vida. Para o bem e para o mal (...) a minha formação acadêmica superpôs-se a uma formação humana que ela não conseguiu distorcer nem esterilizar. Portanto, ainda que isso pareça pouco ortodoxo e antiintelectualista, afirmo que iniciei minha aprendizagem sociológica aos seis anos, quando precisei ganhar a vida como se fosse um adulto e penetrei, pelas vias da experiência concreta, no conhecimento do que é a convivência humana e a sociedade em uma cidade na qual não prevalecia ordem das bicadas mas a relação de presa, pela qual o homem se alimentava do homem (...) (FERNANDES, 1977, p. 142).*

> *O erro do intelectual consiste em acreditar que se possa saber sem compreender e, principalmente, sem sentir e estar apaixonado (não só pelo saber em si, mas também pelo objeto do saber), isto é, em acreditar que o intelectual possa ser um intelectual (...) mesmo quando distinto e destacado do povo-nação, ou seja, sem sentir as paixões elementares do povo, compreendendo-as e, assim, explicando-as em determinada situação histórica, bem como relacionando-as, dialeticamente às leis da história, a uma concepção do mundo superior, científica e coerentemente elaborada, que é o "saber" (GRAMSCI, 1991, p. 139).*

[1] Não estamos usando o termo educador como sinônimo de professor, mas compreendemos que o papel de educador está sem dúvida presente em qualquer experiência docente, em todo processo de ensinar-aprender.

[2] Apelido dado por sua madrinha, de família abastada (era patroa de sua mãe, doméstica), que considerava "Florestan" (nome de um motorista alemão que trabalhou com sua mãe) um nome muito pomposo para um garoto de origem pobre.

Anteriormente, ao caracterizarmos o intelectual em Gramsci, elencamos algumas características que podem ser retomadas agora, no sentido de justificar nossa afirmação: Florestan foi um intelectual orgânico aos grupos subalternos por: (i) pensar a classe da qual faz parte e instrumentalizá-la (intelectualmente) para as lutas do cotidiano, refletindo sobre os pontos de vista destes grupos aos quais se vincula (conscientemente); (ii) forjar novos consensos, novas concepções de mundo, no interior da sociedade civil via aparelhos privados de hegemonia, contribuindo para a substituição gradual e dialética da "classe em si" para a "classe para si"; (iii) vincular-se ao mesmo tempo às organizações políticas e culturais; (iv) ser um especialista em sua profissão, elaborando concepções ético-políticas que contribuam sobremaneira para o surgimento de alternativas ao capital, ao *establishment*; (v) construir uma ação pedagógica fundamental para o surgimento de uma outra hegemonia, de uma nova cultura, ajudando na elaboração de uma consciência coletiva mais homogênea; (vi) explicitar para os "de baixo" as contradições existentes na sociedade do capital, onde há a comodificação de tudo; (vii) transformar visões de mundo "supersticiosas" e/ou "folclóricas" em histórico-críticas.

A partir do referencial gramsciano, Florestan Fernandes pode e deve ser compreendido como um "educador-intelectual" orgânico aos "de baixo", como alguém que pesou decisivamente com suas contribuições materiais e ideológicas, com sua "sociologia crítica e militante", com sua ação pedagógica – na acepção gramsciana da expressão –, na correlação de forças da sociedade brasileira ao longo de grande parte do século XX. Como Marques de Oliveira (2010, p. 101), defendemos que Florestan "se amadureceu" como um intelectual orgânico do proletariado, associando-se de maneira profunda e crítica ao modo de produção de seu tempo, sendo, desta forma, portador de uma concepção ético-política "*que o habilita a exercer funções organizativas para assegurar a hegemonia social da classe que representa*". Ainda de acordo com o estudioso de Florestan, é possível afirmarmos que o intelectual marxista assumiu, ao longo de sua trajetória pessoal, militante,

acadêmica, o papel de um "*pedagogo*[3] *das causas sociais*" (MARQUES DE OLIVEIRA, 2010, p. 113), uma vez que possuía um enorme conhecimento histórico-estrutural da sociedade; uma posição política contundente (e intransigente) em relação à hegemonia burguesa e suas formas de conciliação/cooptação; e finalmente, uma visão de História que situa a luta de classes não apenas em relação às suas condições objetivas, mas, sobretudo, em relação às possibilidades, ao seu devir histórico. E também numa perspectiva gramsciana, o autor identifica tanto no filósofo sardo quanto no cientista social paulista um nexo político-ideológico-pedagógico, ao afirmar que:

> *Tanto em Florestan quanto em Gramsci, a defesa do rigor científico, da disciplina, da escola, da seriedade e da complexidade dos estudos e da pesquisa – enquanto práticas transformadoras da realidade, garantidoras da "universalização da capacidade intelectual" – aparece imbricada com uma identidade política formada na trama das relações sociais e das lutas de classes. Tanto em Florestan quanto em Gramsci, o educador – como um "intelectual orgânico" – não está separado do povo, da cultura, da história e da política das classes subalternas desejosas de construir uma nova civilização. Desejo esse que implica o enfrentamento dos desafios existentes advindos da complexa relação entre utopia e realidade (...) (MARQUES DE OLIVEIRA, 2010, p. 99-100).*

Não à toa, a Escola de Formação por excelência do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra) – que segundo o historiador britânico Eric Hobsbawm é o mais ambicioso movimento social latino-americano – recebe seu nome: *Escola Nacional Florestan*

[3] Ainda que, por vezes, negasse sua condição de educador: "E*u não sou um educador. Até fico envergonhado quando alguém me diz que sou um educador. Sou um professor, sou um sociólogo, sou um intelectual, mas acho que ainda seria preciso alguma coisa a mais pra me apresentar em público como educador*" (FERNANDES, 1991, p. 44).

Fernandes (ENFF), um dos objetos de nossa tese[4]. Homenagem justa e mais que necessária, a alguém que a despeito de tantos atributos, nasceu e morreu sem grandes posses, humilde, otimista e sempre pronto para os embates do real.

Bibliografia

CANDIDO, Antonio. Amizade com Florestan. *In*: D'INCAO, Maria Angela (org.). *O saber militante*. São Paulo: Paz e Terra/EDUNESP, 1987.

COUTINHO, Carlos Nelson. *A democracia como valor universal. Encontros com a Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 9, 1979, p. 33-47.

_____. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. Entrevista à *Revista Caros Amigos*, 2009. Disponível em: http://carosamigos.terra.com.br/index/index.php/politica/2513-carlos-nelson-coutinho-leia-entrevista-na-integra. Acesso em: 09 de dez. de 2012.

COUTINHO, Eduardo Granja. Processos contra-hegemônicos na imprensa carioca, 1889/1930. *In*: COUTINHO, Eduardo Granja (org.). *Comunicação e contra-hegemonia: processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008, p. 65-89.

[4] Tese de Doutorado em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (PPGE/UFF), intitulada "*Movimentos sociais, educação e contra-hegemonia na América Latina: as experiências da Universidad Popular Madres de Plaza de Mayo (UPMPM – Madres de Plaza de Mayo) e da Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) em tempos neoliberais (2000-2010)*", ainda em construção

DANTAS, Rodrigo. Ideologia, hegemonia e contra-hegemonia. *In*: COUTINHO, Eduardo Granja (org.). *Comunicação e contra-hegemonia: processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008, p. 91-118.

EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. Sobre a teorização do capitalismo dependente em Florestan Fernandes. *In*: FÁVERO, Osmar (org.). *Democracia e educação no pensamento de Florestan Fernandes.* Campinas, SP: Autores Associados, Niterói, RJ: EdUFF, 2005, p. 7-40.

FERNANDES, Florestan. Em defesa da escola pública. *In*: BARROS, Roque Spencer Maciel de (org.). *Diretrizes e bases da educação nacional*. São Paulo: Pioneira, 1960, p. 104-118.

_____. *Educação e sociedade no Brasil*. São Paulo: Dominus & EdUSP, 1966.

_____. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

_____. *Universidade brasileira: reforma ou revolução?* São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.

_____. *A sociologia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. *Brasil em compasso de espera*. São Paulo: Hucitec, 1980.

_____. *O desafio educacional*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.

_____. Florestan. Brasília, MEC/INEP, 1991. *Memória Viva da Educação Brasileira*, I Apresentação de Maria Rosa de Abreu, pp. 19-26, e Depoimento de Florestan Fernandes, p. 27-60.

_____. As mudanças sociais no Brasil. *In*: IANNI, Octavio. *Florestan Fernandes*. São Paulo: Ática, 2008, p. 137-169.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Org. de Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999 (vol. 1), 2000 (vol. 2), 2002a (vol. 3), 2001 (vol. 4), 2002b (vol. 5) e 2002c (vol. 6).

_____. *La costruzione del Partito Comunista*. Turim: Einaudi, 1978.

_____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

_____. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

IANNI, Octavio. *Florestan Fernandes*. São Paulo: Ática, 2008.

JESUS, Antônio Tavares de. *Educação e hegemonia no pensamento de Antonio Gramsci*. São Paulo: Cortez, 1989.

KONDER, Leandro. *Em torno de Marx*. São Paulo: Boitempo, 2010.

LÖWY, Michael. A teoria do desenvolvimento desigual e combinado. In: LÖWY, Michael & BENSAID, Daniel. *Marxismo, modernidade e utopia*. São Paulo: Xamã, 2000.

MACCIOCCHI, Maria-Antonietta. *A favor de Gramsci*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MARQUES DE OLIVEIRA, Marcos. *Florestan Fernandes*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

MÉSZÁROS, István. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MORAES, Denis de. *A batalha da mídia: governos progressistas e políticas de comunicação na América Latina e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2009.

OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista: o ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003.

SEMERARO, Giovanni. *Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis.* Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

VENTURA, Jaqueline; RUMMERT, Sonia Maria; ALGEBAILE, Eveline. *Educação e formação humana no cenário de integração subalterna no capital-imperialismo*. 2011. Disponível em: http://www.uff.br/ejatrabalhadores/ANPED.pdf